

A FORÇA DA HORTA COLETIVA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE EMPOEIRA



Na Comunidade Quilombola de Empoeira, localizada a 12 km de Francisco Badaró (MG), cerca de 20 famílias mantêm viva uma horta comunitária que já atravessa três décadas de história. O cultivo começou em um pequeno terreno, com o uso de esterco de galinha como principal adubo, recurso disponível na região e fundamental para a fertilidade da terra.

Com o tempo, surgiu a necessidade de ampliar a área de plantio. A conquista de um novo terreno foi possível graças à articulação de Antônio Serafim, morador e incentivador da comunidade, junto à prefeitura. Ao longo dos anos, o trabalho coletivo foi se fortalecendo com o apoio da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Francisco Badaró, que ofereceram assistência técnica e incentivo à produção agroecológica. A Associação Municipal de Assistência Infantil (AMAI) também teve papel importante, contribuindo com sementes crioulas e orientações sobre o uso de insumos naturais.

Toda a produção da horta é feita de maneira agroecológica, sem agrotóxicos ou adubos químicos. A decisão por esse caminho leva em conta a saúde de quem planta e de quem consome, além do compromisso com o meio ambiente. Cada família cultiva sua parte, com autonomia, mas as decisões são tomadas coletivamente, com base na confiança, no respeito e no compromisso com o bem comum.

Além de garantir o alimento que vai para a mesa das famílias, a horta também gera renda e troca entre vizinhos. Algumas famílias já participaram de programas como o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), contribuindo para fortalecer a agricultura local e a alimentação escolar com produtos saudáveis.

Mais do que um espaço de trabalho, a horta é também um espaço de convivência e cuidado com a saúde mental. “A gente se sente bem. Reúne todo mundo trabalhando, contando um caso... é bom demais”, compartilha Santa Ferreira dos Santos. “É uma forma de espairecer. A gente sai de casa e volta com o alimento que a gente mesmo produziu”, completa Silvana Nogueira de Souza.

Apesar dos muitos avanços, os desafios ainda são grandes. A escassez de água é uma das principais dificuldades. A horta é abastecida por uma caixa de 50 mil litros e por uma represa, mas a falta de encanamento e de infraestrutura adequada compromete a segurança do plantio. “A gente tem medo de investir e não ter água até o fim da safra”, relata Joaquim Ferreira dos Santos. Soma-se a isso a ausência de assistência técnica contínua, que dificulta o planejamento e o fortalecimento da produção. Outro ponto que preocupa é a sucessão rural. “Se a gente não incentivar, daqui a pouco ninguém vai estar cultivando mais. É preciso valorizar a produção orgânica como fonte de saúde e também de sobrevivência”, completa.



Os moradores sonham com a construção de uma estufa ou espaço coberto para os períodos de chuva, e com investimentos em estrutura hídrica que garantam o plantio o ano todo. “Tendo a água, a gente consegue o resto”, resume uma das lideranças.

A Associação Comunitária Quilombola de Empoeira reforça o pedido ao poder público pelo reconhecimento e apoio ao coletivo. “Queremos que vejam o que estamos realizando com tanto esforço. São famílias que sobrevivem da terra, produzindo seu próprio alimento por meio do trabalho coletivo. O apoio precisa ser destinado ao grupo, e não de forma individual.”

A história da horta comunitária de Empoeira mostra que, quando uma comunidade se une e acredita na força da terra, a colheita vai muito além do alimento: ela floresce em forma de partilha, resistência e esperança.